

nossa fraqueza, paralisam nossos melhores esforços, pelo medo que nos causam.

Ora, libertemo-nos deles.

Negar é o primeiro passo prático para libertarmos nossas mentes das crenças enganosas em que fomos educados, Pela negação declaramos que uma coisa que parece verdadeira, não o é. As aparências são, quase sempre, contrárias a realidade essencial das coisas e, como tais, mudam-se rapidamente.

Se nos ensinassem desde a infância que o sol gira em torno da terra, essa idéia ficaria gravada em nosso subconsciente. Se alguém tentasse demonstrar-nos que a verdade é exatamente o contrário, poderíamos compreendê-lo, perfeitamente, porém, temos observado tantas vezes o levantar do sol, que a antiga impressão, fixada em nossa mente pela crença errônea de anos, surgiria e pareceria demasiado real para ser posta em dúvida.

Neste caso, o único meio para libertarmos nosso espírito da impressão e fazermos que essa falsidade se nos pareça como realmente é; estaria em negarmos reiteradamente a velha crença, dizendo a nós mesmos, sempre que o assunto surgir a nossa mente: “Isto não é verdade; o sol está parado; a terra é que se move.” As aparências são que os nossos corpos e as nossas circunstâncias governam os nossos pensamentos, mas a ciência demonstra exatamente o contrário.

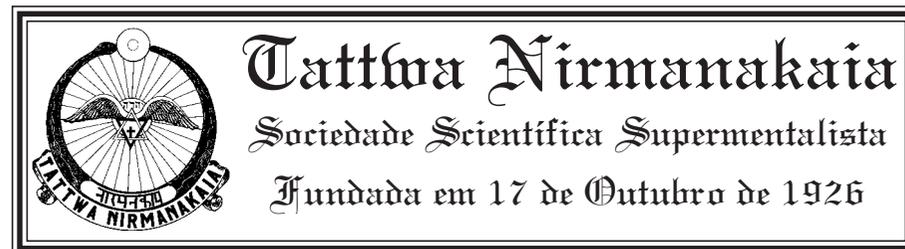
Se negarmos persistentemente uma condição falsa e desagradável, ela perde a força para fazer-nos infelizes e é inteiramente destruída pelas nossas negações.

Todos desejamos unicamente manifestar em nossas vidas o bem, o amor, a perfeita saúde, a alegria e o bem estar. Ora, *tudo isso é justo e exatamente o que Deus quer que tenhamos.*

Revista O Pensamento Maio de 1935.



Tattwa Nirmanakaia
Sede Própria: Rua Campos Sales, nº38, Tijuca,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 20270-210
Telefone.: (0xx21) 2569-2868
Site: <http://www.tattwa.org.br>
E-mail: nirmanakaia@tattwa.org.br



Boletim nº9 - 27 de Junho de 2008



Comentários ao “Curso de Iniciação Esotérica”



“Então disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quiser vir após a mim, negue-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me.”

Todos os sistemas de espiritualização encerram muitas negações. Todas as religiões se firmam em certas negações fundamentais. Sabeis muito bem como os puritanos acreditavam que, quanto maior fosse o rigor com que se renunciasses a si mesmos, tanto mais agradáveis seriam a Deus. Durante muitos séculos, esta idéia predominou na mente humana, e as almas devotas torturaram seus corpos por diversos meios, na crença de que assim se estavam fazendo mais espirituais, ou de que, pelo menos, estavam aplacando a cólera de Deus.

Ainda hoje, muitas pessoas interpretam as anteriores palavras de Jesus no sentido de que, se um homem deseja agradar a Deus, deve renunciar a todos os gozos e confortos, tomando sua cruz e fazendo diariamente as coisas que lhe são mais repugnantes. Em consequência desse modo de pensar, muitos moços costumam dizer: “Quando ficar velho, serei cristão, mas agora, em primeiro lugar desejo gozar a vida”. Entretanto, não pode ser este o sentido em que Jesus proferiu aquelas palavras. Na nossa ignorância a respeito da Natureza de Deus, nosso Pai, e das nossas relações para com Ele, acreditamos que tudo provém de fonte externa, ordinariamente da posse de alguma coisa que não temos.

O pobre julga que a felicidade está em possuir dinheiro em abundância. Os ricos, que andam enfatiados dos chamados prazeres da vida, à guisa de pessoas de estomago sobrecarregado e obrigadas a assentar-se constantemente as lutas mesas, são as vezes, os mais amargos na sua queixa de que, para eles, não pode haver felicidade na existência. O doente acredita que será feliz onde passe bem. Os homens e mulheres sadios, mas laboriosos, almejam alguns dias de descanso e recreação, que lhes venham

quebrar a monotonia da vida.

Assim, nossa mente sempre tem sido dirigida para a mudança exterior das circunstâncias, a procura de satisfações e gozos. Porém, com o tempo e a experiência, após termos experimentado tudo, obtendo ora uma coisa, ora outra, sem ter conseguido a felicidade que almejamos, nos voltaremos para Deus, alcançando então certo conforto.

O Nazareno, a quem sempre veneramos por ter sido o melhor e o mais conhecido dos Mestres e dos demonstradores da Verdade passou três anos ensinando a um povo que, como nós, necessita de alimento, bens, amizade e amor. Nesses ensinamentos, concitava-os a amar os inimigos e perseguidores, não resistir ao mal, não ter ansiedade pelo dia de amanhã, porque “vosso Pai celestial sabe que tendes necessidade de todas essas coisas”. Disse também: “Estas coisas vós tenho dito para que habite minha alegria em vós e seja completa vossa satisfação.” Em outra ocasião disse: “Qualquer coisa que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vos dará”, “Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita”. Falou-lhes ainda: “Não digo que pedirei ao Pai por vós, pois que o próprio Pai vos ama”.

Entretanto se compreendermos bem essas palavras, adquiriremos a convicção de que Deus é a substância de todas as coisas boas e tem um perpétuo desejo de manifestar-se no plano visível por nosso intermédio.

Quando Jesus disse que havíamos de negar a nós mesmos, não queria dizer que havíamos de renunciar ao conforto e bem estar da vida, mas sim negar ao corpo a direção e autoridade sobre nossa vida. O corpo é um bom servo, porém mau senhor. Nestes estudos, temos visto que, além do Eu real, que reside no interior de cada um de nós – o nosso Eu com E maiúsculo, que é uma projeção de Deus e sempre se acha unido com o Pai – há outro eu, o eu mortal ou inferior, a mente carnal. É a esta mente que Jesus nos manda renunciar ou negar. Este eu mortal é o que os psicólogos chamam a mente subconsciente, na qual se acham armazenadas muitas informações errôneas, fornecidas pelos nossos sentidos. Este eu inferior procura satisfazer seu próprio desejo, a custa de quem quer que seja, sendo egoísta, invejoso, irritante e doentio.

Vosso eu real porém, nunca fica doente, nada teme, não é egoísta, pois se acha unido com o Pai e com tudo o que existe. Esta é a parte de cada um que “não busca seu próprio interesse, não se exalta, não pensa mal”. Vosso eu real procura sempre dar aos outros e servir a todos, ao passo que o eu inferior procura sempre o interesse pessoal.

Estamos habituados a dar ouvidos as informações demasiado limitadas de nosso eu inferior e elas nos levam a grandes enganos e decepções,

privações e padecimentos.

As pessoas que se aprofundaram no estudo dos planos mentais reconheceram que a causa da maior parte dos nossos infortúnios, quer sejam físicos, quer sejam morais, resultam de idéias e crenças errôneas. Essas idéias e crenças nasceram da observação superficial das coisas. A experiência das pessoas que se dedicaram a este estudo demonstra que, por um esforço persistente da vontade, podemos mudar nossas crenças, e só assim transformar nossas circunstâncias e condições materiais.

Um dos métodos mais eficazes para nos libertarmos de nossas condições embaraçosas é renunciar a elas, negando que tenham poder para nos fazer infelizes; depois negarmos que existam. Conforme Webster, a palavra negar tem duas acepções principais. Num sentido, que quer dizer recusar, e noutro, declarar não ser verdadeiro. Negar, nesse último sentido, que julgamos ser o verdadeiro, não é privar o homem externo do conforto e da felicidade, muito menos infligir-lhe torturas, mas sim renunciar as falsas informações de nosso eu inferior.

Se fizermos um desenho errado na lousa, o primeiro passo para corrigi-lo é emendar o erro, apagando as partes erradas e fazendo-as de novo com uma base diferente. Alimentamos crenças erradas acerca de Deus e nós mesmos. Acreditamos que Deus andava irado contra nós, que somos pecadores e devemos temer a Deus. Pensamos que as moléstias, a pobreza e o infortúnio são coisas ruins, que o próprio Deus colocou neste mundo para nos torturar, a fim de nos obrigar a servi-lo e ama-lo. Concluímos que agradamos melhor a Deus paralisando nossos esforços, submetendo-nos pacientemente as dificuldades, sem tentarmos sair delas ou vence-las. Tudo isso, porém, é falso, inteiramente falso!

O primeiro passo para nos libertarmos de nossos infortúnios é nos desvencilharmos de nossas crenças errôneas sobre Deus e nós mesmos. Alguém poderá objetar: “Se as coisas são assim e eu tenho acreditado numa falsidade, não posso ver a razão pela qual minha crença errônea possa afetar minha saúde corpórea ou as minhas circunstâncias”.

Entretanto sabemos que uma criança pode ficar com tanto medo de um fantasma imaginário, que lhe resultem disso desordens nervosas. Se recebêssemos um falso despacho telegráfico avisando-nos da morte de uma pessoa cara ou dando-nos más notícias de nossos negócios, essa notícia falsa nos causaria tanto sofrimento físico e mental como se fosse verdadeira. Exatamente da mesma forma agem as idéias errôneas que temos a respeito de Deus e de nós mesmos. Os fantasmas da cólera divina criados pela